

COLEÇÃO

Cibercultura



JORNALISMO MÓVEL

Fernando Firmino da Silva



JORNALISMO MÓVEL

Fernando Firmino da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assistente do Vice-reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

COLEÇÃO

Cibercultura



EDITORES

Editor

Prof. Dr. André Lemos

Editor Associado

Prof. Dr. José Carlos Ribeiro

Editor Científico

Prof. Dr. Edson Dalmonte

COMISSÃO EDITORIAL

Adriana Amaral, UNISINOS

Alex Primo, UFRGS

Eduardo de Jesus, PUC-MG

Eduardo Pellanda, PUC-RS

Eduardo Vizer, Unisinos

Fabio Duarte, PUC-PR

Fabio Fernandes, PUC-SP

Fabio Malini, UFES

Fatima Regis, UERJ

Fernanda Bruno, UFRJ

Fernando Firmino, UEPB

Gisele Beiguelman, USP

Jamil Marques, UFC

Lidia Oliveira, UA - PT

Lucia Santaella, PUC-SP

Luis Adolfo Andrade, UNEB

Lynn Alves, UNEB

Macello Medeiros, UFRB

Marco Silva - UERJ

Marco Toledo Bastos, USP

Marcos Palacios, UFBA

Massimo di Felice, USP

Nelson Pretto, UFBA

Paulo Serra - Beira Interior - PT

Raquel Recuero, UCPEL

Rob Shields, University of Alberta, Canadá

Rodrigo Firmino, PUC-PR

Sandra Montardo, FEEVALE


Sandra Rubia, UFSM

Sergio Amadeu - UFBA

Simone Pereira de Sá, UFF

Sueli Fragoso, UNISINOS

Vinicius Andrade Pereira, UERJ/ESPM

COLEÇÃO 

Cibercultura



JORNALISMO MÓVEL

Fernando Firmino da Silva

Salvador • Edufba • 2015

2015, Fernando Firmino da Silva.
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e Projeto Gráfico
Amanda Lauton Carrilho

Revisão e Normalização
Letícia Rodrigues
Sandra Batista de Jesus

Sistemas de Bibliotecas – UFBA

S586 Silva, Fernando Firmino da
Jornalismo móvel / Fernando Firmino da Silva - Salvador : EDUFBA, 2015.
53 p. – (Coleção Cibercultura / Lab404)

Originalmente apresentada como tese do autor (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, 2013.

ISBN 978-85-232-1378-7

1. Jornalismo eletrônico. 2. Jornalismo on-line – Estudo de casos. 3. Comunicação digital - reportagens. 4. Mídia digital. Título. II. Série.

CDD – 070.40285
CDU – 070:004

Editora filiada à



Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo
s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia
Tel.: +55 71 3283-6164
Fax: +55 71 3283-6160
<http://www.edufba.ufba.br/>
edufba@ufba.br

Sumário

Introdução [7]

O jornalismo móvel [9]

As tecnologias móveis digitais [19]

Era pós-PC: ubiquidade e nuvem de conexão [23]

Estudos de casos [27]

O Extra do Rio de Janeiro: repórter móvel [28]

NE10/JC Online: repórteres com smartphones e participação do público [30]

Mídias Ninja: smartphones na cobertura ao vivo das manifestações [33]

RBS/Zero Hora: jornalismo móvel e locativo [35]

O Globo a Mais: produção para tablets e smartphones [37]

As controvérsias no jornalismo móvel e indicativos futuros [39]

Conclusão [45]

Referências [47]

Perfil do autor [53]

Introdução

Jornalismo móvel é o tema deste *e-book* da “Coleção Cibercultura / Lab404” da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba). A edição explora o conceito, os casos ilustrativos, as controvérsias e outros aspectos relacionados ao termo no tratamento de sua origem, numa perspectiva histórica, e sua atualização para a cultura contemporânea por meio dos desdobramentos das tecnologias móveis digitais e das redes sociotécnicas vinculadas às mobilidades física e informacional. O jornalismo móvel é um assunto relevante para pensar questões metodológicas, conceituais e pragmáticas para o campo da comunicação e do jornalismo.

A motivação para a delimitação da proposta advém da identificação do fenômeno da mobilidade com a emergência de novas formas de produção, distribuição e consumo de notícias através de plataformas móveis como *smartphones*, *tablets*, *e-reader* e todo o ecossistema móvel que se estrutura nos tempos atuais movidos pelo processo de convergência e de comunicação móvel. Na análise empreendida, o esforço se direciona à apreensão conceitual do jornalismo móvel e suas implicações para as rotinas produtivas de jornalistas e às narrativas jornalísticas com atributos potencializados como o uso de geolocalização para contextualização da notícia, do local do fato narrado. Além da questão da produção, a abordagem também explora o crescente consumo de conteúdos em dispositivos móveis.

Em meio ao trabalho em mobilidade de repórteres munidos com *smartphones* e *tablets*, microfones externos unidirecionais, teclados Bluetooth, acessórios e uma série de aplicações (apps) de captura (de áudio, vídeo, imagens), de edição e de transmissão de conteúdo (em estado síncrono ou assíncrono), verifica-se que dimensões processuais sobre a prática precisam ser problematizadas, descritas e discutidas no contexto. Deste modo, o tema do *e-book* avança na compreensão do fenômeno tanto no que se refere ao jornalismo praticado nos meios de comunicação tradicionais (e sua cultura profissional) quanto em relação aos movimentos ativistas a exemplo do coletivo Mídia Ninja, com as apropriações dessas condições para o relato em tempo real de manifestações no espaço urbano.

O jornalismo móvel

O jornalismo móvel é uma modalidade de prática e de consumo de notícias através de tecnologias móveis (*smartphones, tablets*, celulares e outros dispositivos similares). Numa perspectiva histórica, o jornalismo móvel é compreendido como informação transportada para os jornais e revistas, meios eletrônicos como rádios e TV. No cenário atual, a prática é caracterizada pela mobilidade física e informacional para a produção de conteúdos diretamente do local do evento cujas condições são potencializadas pela portabilidade, ubiquidade e mobilidade, além da consideração do aspecto de espacialização contextualizada com a geolocalização da notícia.

No que diz respeito à mobilidade, deparamo-nos com sistemas de mobilidade ao longo do tempo relacionados ao movimento de objetos, de pessoas e de informações que foram evoluindo ou gerando transição para novas formas de movimento. A construção desse mundo móvel e suas dimensões se constitui em elemento pertinente para pensar o jornalismo móvel com a natureza da mobilidade física e da mobilidade informacional (via tráfego de dados pelas redes telemáticas e pelos computadores portáteis) tendo como aspecto em consideração o cenário da comunicação ubíqua. A propriedade do “móvel” caracteriza-se como uma configuração que adentra essa nova era (complexa, mutável, líquida) do século XXI.

Podemos problematizar o conceito de jornalismo móvel através de algumas questões para pensar o fenômeno dentro da cultura da mobilidade que estamos vivenciando como expressão da cibercultura atual. Como se caracteriza a prática do jornalismo móvel num contexto de convergência e multiplataformas? Como o jornalismo móvel se relaciona com a mobilidade física e informacional contemporânea? Quanto às rotinas de produção jornalísticas, em que medida as tecnologias móveis digitais afetam a dinâmica tradicionalmente estabelecida na cultura do jornalismo?

Durante a abordagem do *e-book*, situamos que a definição do conceito atual para jornalismo móvel deriva do termo *mojo* (*mobile journalist*) que começou a ser empregado a partir de 2005 para expressar o trabalho dos repórteres do *Gannett Newspaper*, nos Estados Unidos. No entanto, numa perspectiva histórica, essa dimensão pode ser recuperada principalmente a partir do telégrafo sem fio, no século XIX, e as primeiras coberturas de repórteres correspondentes e de agências de notícias no relato de guerras, como a Civil Americana.

Com a explosão das tecnologias móveis e sem fio no século XXI, o jornalismo móvel implica em um processo de reconfiguração da produção jornalística devido à dinâmica imprimida às rotinas de produção dos repórteres em campo no processo de apuração, edição e compartilhamento de conteúdos por redes móveis ou telemáticas que elevou o trabalho à condição multitarefa e polivalente, entre outros fatores que também contribuíram para o processo como a convergência. A partir do final da década passada, o consumo de notícias também se apresentou como vertente do jornalismo móvel a partir do surgimento de equipamentos dinâmicos como *tablets* e *smartphones* com interfaces mais amigáveis e telas sensíveis ao toque.

Não obstante, no contexto atual, a produção jornalística de campo incorpora nova rotina com a era pós-computador (ou pós-PC), com a computação ubíqua e em nuvem. Este aspecto favorece a escala para o trabalho a distância de repórteres e as possibilidades para transmissão ao vivo utilizando-se *smartphones* e aplicativos de *streaming* de áudio e vídeo (transmissão de dados por internet). De fato, o jornalismo móvel se consolida

como uma prática vinculada à expansão da mobilidade contemporânea e de suas implicações sociotécnicas passando a ser, assim, um instigante objeto de estudo interdisciplinar (comunicação, sociologia, geografia, urbanismo) com o desencadeamento de um ecossistema móvel na sociedade contemporânea e a cultura de aplicativos.

Partindo dessa noção, empregamos o conceito de jornalismo móvel para delimitar o fenômeno enquanto construção de um jornalismo baseado numa nova dinâmica caracterizada pelo uso das tecnologias móveis e do processo de convergência, numa acepção multidimensional, como vem sendo tratada pelo teórico Henry Jenkins no seu livro *Convergence Culture* (2006). Deste modo, essa conjuntura afeta as estruturas da redação, as rotinas de produção e a forma de distribuição multiplataforma e por multitelas.

Todavia, a mobilidade é central na compreensão de tal jornalismo móvel dentro dos estudos sobre o fenômeno e seu consequente “espalhamento” por entre as diversas práticas da atualidade desdobradas a partir da perspectiva das cidades digitais, da mídia locativa, de mobilizações *smart mobs* e *flash mobs*, jogos locativos e coberturas de protestos a exemplo do coletivo Mídia Ninja com sua narrativa ao vivo via *smartphone*, 3G e 4G e aplicação de *streaming* TwitCasting.

Definimos, assim, na perspectiva da produção, o jornalismo móvel como a utilização de tecnologias móveis digitais e de conexões de redes sem fio pelo repórter na prática jornalística contemporânea visando ao desenvolvimento das etapas de apuração, produção e distribuição de conteúdos do campo ou de transmissão ao vivo. Nesta instância, o conceito dialoga com esse processo de convergência jornalística em curso nas organizações e com a expansão da mobilidade. Grosso modo, jornalismo móvel digital incorpora o “móvel” de mobilidade e o “digital” da digitalização do aparato técnico utilizado para conferir um rearranjo às rotinas produtivas no jornalismo e ao consumo de notícias.

Pensamos ser necessário enfatizar que a construção desse espaço jornalístico descentralizado (a redação móvel) realiza-se através do aporte da infraestrutura de conexão sem fio (3G, 4G, Wi-Fi, WiMAX ou Bluetooth)

e das tecnologias móveis digitais, portáteis e ubíquas (celular, *smartphone*, *tablets*, *netbooks*, gravadores, câmeras digitais e similares). O jornalismo móvel redimensiona a produção ou o fazer jornalístico a partir da interface desse conjunto de tecnologias e de estratégias agregando mudanças e novos valores às rotinas produtivas dos jornalistas ou às formas de consumo e de interação mediada por dispositivos móveis.

Na conjuntura exposta, devemos reconhecer que as tecnologias da mobilidade abrem caminhos para novas possibilidades no jornalismo e, ao mesmo tempo, trazem inconvenientes que precisam ser investigados como resultantes dessa mesma expressão de potencial no que se refere ao consumo e às práticas jornalísticas tradicionais afetadas pelo fenômeno. O jornalismo móvel advém dessa categoria mais ampla denominada de comunicação móvel ou de mobilidade cujos estudos estão bem consolidados no horizonte internacional e nacional como forma de pensar as tecnologias móveis na sociedade contemporânea com sua dimensão sociocultural.

Entre essas esferas, o jornalismo móvel exerce seu protagonismo no cenário tanto nas estratégias das organizações jornalísticas quanto na mídia cidadã com as apropriações da “redação móvel” para o processo de apuração, produção e distribuição de conteúdos por redes móveis digitais ou por meio de compartilhamento via redes sociais e aplicativos de *streaming* de conteúdos audiovisuais.

Três aspectos são pertinentes para pensar esse cenário do jornalismo móvel com sua consolidação no contexto:

- a. A expansão da mobilidade através das tecnologias móveis e das tecnologias sem fio desencadeou uma nova relação entre jornalismo e mobilidade com a apropriação dos territórios informacionais enquanto espaços para conexão e fluidez de conteúdos;
- b. A geolocalização para notícias através de recursos de GPS embarcados em portáteis permite a contextualização do local de emissão,

aparecendo como um valor agregado às narrativas conduzidas diretamente dos locais da emissão;

- c. A mobilidade do consumidor de informações passa a ser um aspecto a considerar porque este demanda atualizações mais constantes, pressionando a produção do local ou sistemas de alerta instantâneos como os de redes sociais móveis a exemplo do Twitter, Facebook e Instagram. Notícias *hard news* como acidentes e protestos são situações ilustrativas da mobilização dessa estratégia forçada pela pelo crescimento da comunicação móvel.

Para a compreensão do jornalismo móvel, procuramos trabalhar alguns conceitos e situar alguns contextos desse ecossistema móvel e as provocações oriundas da emergência das tecnologias móveis e da era pós-PC com a cultura dos aplicativos e da computação em nuvem. Tais condições originam-se de uma perspectiva histórica a partir da década de 1970 com a microeletrônica e o desenvolvimento do computador pessoal e, da década de 1990, com evolução da miniaturização e o surgimento mais consistente de equipamentos como câmeras digitais, *palms* e outros dispositivos digitais. Entretanto, é na primeira década de 2000 que a consolidação da base do jornalismo móvel digital ocorre de uma forma mais sistemática com o surgimento dos *smartphones* e *tablets* com tecnologia de terceira geração (3G) e recursos multimídia embarcados, além da criação de aplicativos com sistemas operacionais móveis mais dinâmicos e as telas sensíveis ao toque como iOS (da Apple) e Android (da Google).

A experiência de jornalismo móvel (*mojo*) da agência de notícias Reuters, no final de 2007 (Figura 1), foi o divisor de águas com o *kit* do jornalista móvel, desencadeando outras iniciativas pelo mundo, principalmente no Brasil com o *JC Online* (do Recife), *Extra Online* (do Rio de Janeiro), *Zero Hora* (de Porto Alegre), *TV Band*, *TV Record*, *TV Globo*, entre outros.

Figura 1 - Projeto de jornalismo móvel da agência de notícias Reuters

Postet til: **Gadgets, Mobil & Musikk og lyd**

Reuters Mojo

Skrevet av **Øyvind Solstad**

22. november, 2007
2 kommentarer

Reuters leverer nyheter til næringsliv, finans og media. De fleste norske nyhetsmedier abonnerer på nyheter fra Reuters og du finner dem som kilde til saker i media hver eneste dag.



Nå vil Reuters gjøre det lettere for journalister i felten å **lage saker ved hjelp av mobiltelefonen**. En Nokia N95 (helst **med displayet intakt**), er kjernen i systemet, som kan utstyres med **et trådløst tastatur**, en enkel tripod, en lader med solcellepanel og en mikrofon. Systemet kalles «Mobile Journalism Toolkit» og har egen programvare på telefonen som **gjør det mulig å laste opp sakene til redaksjonen**.

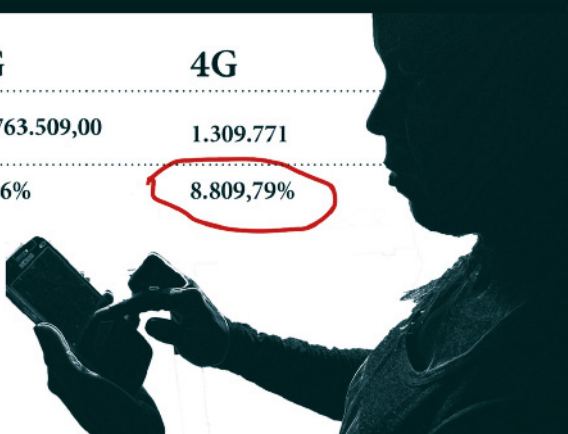
Fonte: NRK BETA, 2007 (<https://nrkbeta.no/2007/11/22/reuters-mojo/>).

[14]

A combinação da estrutura de *hardware* (câmeras acima de 10 megapixels, processadores de alta performance), *software* (sistemas operacionais dinâmicos, telas sensíveis ao toque, acelerômetros, aplicativos) e redes sem fio (3G e 4G) propiciou a expansão do jornalismo móvel nas organizações jornalísticas e na atuação do jornalismo cidadão. O crescimento da telefonia móvel no Brasil e no mundo permitiu a visibilidade para os diversos usos e apropriações da tecnologia móvel digital conectada. No Brasil, os dados da Anatel demonstram a expansão da mobilidade física e informacional através da telefonia celular. O país fechou 2014 com 280 milhões de linhas para telefones móveis, ultrapassando o número de habitantes em termos de teledensidade (137,93 acessos na consideração por 100 habitantes). No tocante à banda larga móvel, em 2013 foram 103,11 milhões de

acessos com a ampliação da participação das tecnologias 3G e 4G. A Anatel (2014) revela que, em 2013, o 3G cresceu 75,85%, enquanto o 4G cresceu 8.808,79% no período de implantação no Brasil entre março e dezembro de 2013, sendo que a tecnologia 2G perde espaço (Tabela 1). Enquanto que em 2014, entre janeiro e dezembro, o crescimento da quarta geração de telefonia (o 4G) foi de 416% em relação a 2013. (ANATEL, 2015) Esses dados configuram um cenário de um “mundo móvel” e de um território informacional através da infraestrutura de telefonia.

Tabela 1 - Dados da Anatel sobre linhas telefônicas móveis e banda larga móvel (em milhões)

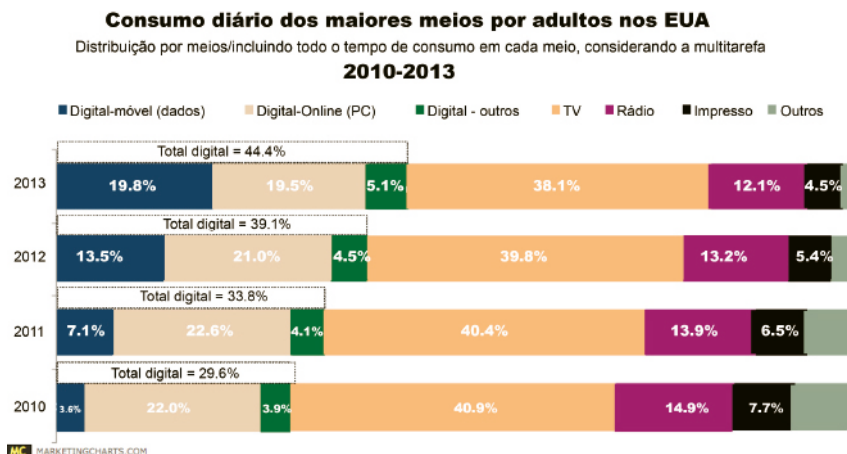


em 2013		
2G	3G	4G
159.695.652,00	94.763.509,00	1.309.771
-17,98%	75,86%	8.809,79%

Fonte: Adaptada da Anatel (2014).

O consumo diário de conteúdos em dispositivos móveis é crescente em comparação com as outras mídias tradicionais e até *on-line* (no computador pessoal). Entre 2010 e 2013, essa expansão nos Estados Unidos foi visível enquanto os outros meios vêm diminuindo sua força, com exceção de televisão que continua com uma participação consistente em termos de consumo diário (Figura 2).

Figura 2 - Consumo diário dos maiores meios por adultos nos EUA



Fonte: Adaptada do Marketingcharts staff (2013).

Este *e-book* traz contribuições para a abordagem dessas diferentes mobilidades e para a delimitação conceitual do termo “jornalismo móvel” através do enfoque nos processos de fluxo de produção no jornalismo em ambiente convergente e móvel diante dos modos de movimentos investigados na intersecção entre jornalismo e a mobilidade. Particularmente, endereçamos questões para o fenômeno das tecnologias móveis e sua imbricação social e cultural e as novas *affordances*, ou seja, as propriedades dos dispositivos em termos de exploração da interface capitaneadas pelas qualidades inerentes e potenciais das tecnologias móveis digitais no jornalismo. Para a compreensão do debate é necessário contextualizar o jornalismo móvel no tocante à sua evolução desde o jornalismo móvel baseado em tecnologias móveis analógicas até o momento.

Para tanto, delimitamos o termo “jornalismo móvel” para uma apreensão de uma perspectiva histórica e de arqueologia da mídia de sua gênese contemporânea e jornalismo móvel digital para nos referirmos mais diretamente à prática a partir da emergência das tecnologias móveis digitais,

particularmente na entrada do século XXI. A primeira fase denominamos de teleanalógica por herdar características e influências do telégrafo sem fio, enquanto a quinta fase (atual) é demarcada como a era pós-PC e de consolidação do jornalismo móvel digital (Quadro 1). Desse modo, percebemos a evolução e transição das novas mobilidades para o jornalismo.

Quadro 1 - Cinco fases do jornalismo móvel contemporâneo

Fases/temporalidades	Características definidoras	
Jornalismo móvel	PRIMEIRA FASE Tele-analógica (entre 1960 e 1970)	A noção tele-analógica vincula-se à estruturação baseada na herança do telégrafo sem fio como referência e o uso de tecnologias analógicas como gravadores de rolo e câmeras fotográficas e de vídeo, mais carregáveis que portáteis, conforme indica Levinson (2004). Os registros e capturas de imagens, vídeos e áudios eram possibilitados, mas os dispositivos eram desconectados.
	SEGUNDA FASE Portátil analógica (1980)	Nessa fase explorava-se, em termos de marcos tecnológicos, os emergentes gravadores analógicos portáteis (walkman) com as fitas magnéticas para uso em emissores de rádio e registro de entrevistas dentro do jornalismo impresso ou para reprodução em programas de rádio, mas com limitações em termos de transmissão. Essa fase é uma transição entre a tele-analógica e a mobilidade expansiva.
	TERCEIRA FASE Mobilidade expansiva (1990)	O jornalismo móvel com a digitalização do aparato e o surgimento de novos dispositivos. Primeiro, o surgimento de câmeras digitais e notebooks no início da década para uso jornalístico e no final desta palm-tops e o uso de redes digitais de telefonia para envio de conteúdos por voz e dados. As nuances atuais da mobilidade e da portabilidade emergem do final desse período. As tecnologias sem fio e portáteis ainda apresentavam recursos limitados para a prática em termos de hardware, software e redes sem fio. O jornalismo digital encontrava-se ainda na fase transpositiva (MIELNICZUK, 2003, 2004).
	QUARTA FASE Ubíqua (2000)	O jornalismo móvel digital inicia-se, de fato, nessa fase enquanto definidora da expansão da relação jornalismo e mobilidade experimentada de forma incipiente na fase três e proliferando com o crescimento das redes sem fio ubíquas e dos computadores portáteis. A ubiquidade das conexões e a emergência dos smartphones levam à consolidação do jornalismo móvel digital no final desse período, principalmente, a partir de 2007 com o 3G e as experiências como a da agência Reuters. O jornalismo móvel mais ubíquo torna realidade a visão de Weiser (1991). Essa é a década do jornalismo móvel.
	QUINTA FASE Alta performance e Era Pós-PC (2010...)	A quinta fase do jornalismo móvel digital está em andamento e se beneficia de um conjunto de tecnologias de alta velocidade (redes 4G, LTE) e de alta definição (HD, full HD). Além disso, os smartphones e tablets são lançados em diversos tamanhos de telas, alto processamento e crescente capacidade de armazenamento. Nesta conjuntura, a modalidade alcança seu desenvolvimento pleno e pode ser transposto para redes de televisão sem os problemas de transmissão até então verificados (baixa velocidade de conexão e de resolução de imagem). Essa fase performativa inclui ainda na sua composição fatores como a demarcação da "Era Pós-PC" (computação em nuvem) e cultura dos aplicativos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Examinamos o fenômeno do jornalismo móvel através do *framework* da mobilidade visando cartografar as experiências empreendidas e as implicações políticas, culturais, comunicacionais e tecnológicas que o seu desenvolvimento carrega no mundo contemporâneo.

As tecnologias móveis digitais

O estudo sobre o jornalismo móvel exige também um olhar sobre os artefatos móveis e suas características na produção da mobilidade, tendo em vista que essas não são novidades no jornalismo. Não obstante, a digitalização e a era da conexão transformaram o contexto das tecnologias móveis digitais, que podem ser definidas como celulares, *smartphones*, *tablets*, *e-reader*, *palmtops*, câmeras digitais, entre outros dispositivos que emergiram a partir do final da década de 1990, mas com gênese na década de 1950 e 1970 com a microeletrônica, a computação pessoal e os primeiros celulares e dispositivos de música como *walkman*. A apropriação do aparato permitiu a expansão das iniciativas de emissão diretamente dos lugares dos acontecimentos. Além dos dispositivos em si, é crescente a quantidade de acessórios que aprimoram a experiência como microfones externos, lentes, teclados Bluetooth e a atual tecnologia vestível (*wearable*), como relógios interativos e óculos, a exemplo do Google Glass, que contribuem para a fase ubíqua da era pós-PC no jornalismo móvel.

A massificação de tecnologias na sociedade ao longo do tempo tem tido uma velocidade cada vez maior de uma para outra em termos de adoção como os telefones móveis e *web* que foram as tecnologias que mais rapidamente se expandiram (Figura 3) e se transformaram em plataformas de consumo e também de produção e circulação de conteúdos. Essa mudança

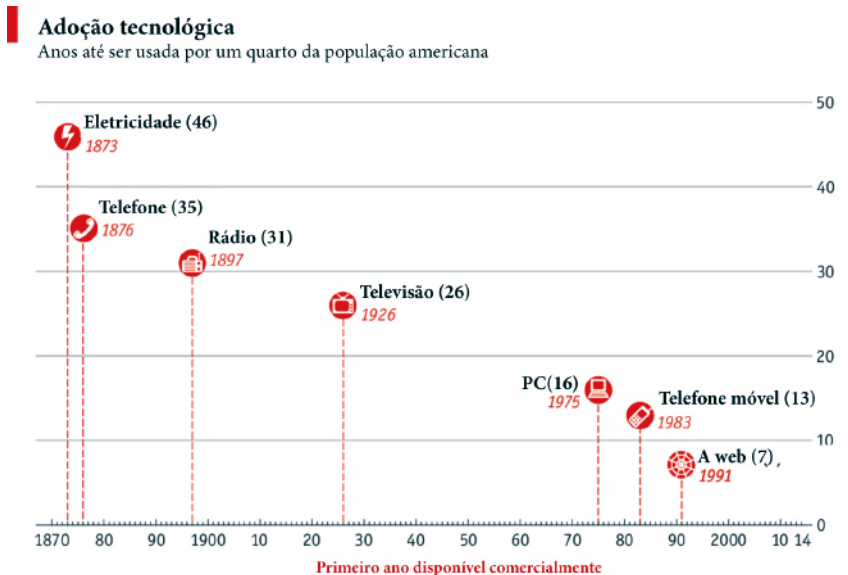
ocorreu dentro da noção de liberação do polo emissor defendida pelo pesquisador André Lemos, em 2003, no livro *Olhares sobre a cibercultura* quando da formulação das três leis da cibercultura: lei da reconfiguração, liberação do polo da emissão e lei da conectividade.

A primeira lei que André Lemos (2003) aborda se trata do processo de reconfiguração na cibercultura, que evita a ideia de substituição ou o desaparecimento do anterior. Os mapas digitais como o Google Maps são exemplos desse processo reconfigurante quando comparados aos mapas analógicos (papel), mas coexistindo com estes com uma dimensão diferenciada. Em relação à segunda lei, a da liberação do polo de emissão, tem-se a emergência de novas formas de produzir, compartilhar ou interagir com conteúdos antes restritos aos emissores dos meios de comunicação de massa e seus filtros. Enquanto que a lei da conectividade é mais diretamente relacionada à comunicação móvel no seu aspecto de ubiquidade e conexão por redes sem fio ou outras formas de comunicação entre máquinas ou pessoas.

Na conjuntura atual, essas três leis continuam válidas para se pensar o jornalismo móvel e o impacto da *web* e das tecnologias móveis como aspectos reconfigurantes de práticas, a exemplo da atuação ativista da Mídia Ninja com a liberação do polo emissor ao se utilizar de *smartphones* e transmissão ao vivo cuja estética também reconfigura o modo de produção jornalística. Além desses aspectos, enxergamos no horizonte a conexão generalizada e da ubiquidade como características das tecnologias sem fio como 3G, 4G e de *hotspots* de redes abertas Wi-Fi.

A apropriação das tecnologias móveis, baseada na microeletrônica na década de 1970, demarca flexibilidade e traços dos sistemas de mobilidade na aplicação para o jornalismo ao serem incorporadas na rotina jornalística como plataformas de produção no terreno da computação móvel como mediação dos processos afetados ou redimensionados na prática jornalística com o uso sistemático.

Figura 3 - Adoção tecnológica - da eletricidade à web



Fonte: Adaptada do Daily chart (2014).

Para uma reflexão sobre as transformações sob o lastro das tecnologias da mobilidade, convocamos uma aproximação propositiva com o território informacional, que cobre as cidades com as redes de conexão sem fio, de modo a constituir um espaço de tráfego de dados (imagens, objetos, informações) como representação das interações para o mundo móvel conectado. Em particular, temos uma estreita relação entre as tecnologias móveis como mediadoras da mobilidade informacional e física e o jornalismo na apropriação do território informacional para condução do fluxo de informações entre a produção de campo, deslocada, remota e a produção na redação, centralizada, institucionalizada. Essa infraestrutura está vinculada atualmente ao que se denomina era pós-PC, com a combinação entre os dispositivos portáteis e a computação em nuvem, como veremos.

Era pós-PC: ubiquidade e nuvem de conexão

A microeletrônica, a partir da década de 1970, com a miniaturização de componentes de computadores, influenciou os rumos para a computação pessoal e da própria cibercultura no tocante ao processo em direção à portabilidade, combinada com a internet e a noção de ciberespaço como a infraestrutura da rede. Apesar do cientista da Xerox Parc, Mark Weiser ([1991?]), ter previsto a computação ubíqua em 1988, essa realidade aconteceu de forma mais consistente a partir do início da atual década com o lançamento do iPad, em 2010, e dos serviços e aplicativos baseados na computação em nuvem via plataformas como ultraportáteis e *tablets*. Deste modo, a relação jornalismo e mobilidade se potencializa com a era pós-PC.

[23]

A noção de “era pós-PC” não é recente. Entretanto, a expressão se popularizou a partir do lançamento do *tablet* iPad 2 da Apple e da expansão dos serviços em nuvem como iCloud, Dropbox, Google Drive e similares. Algumas combinações do avanço tecnológico favoreceram a visibilidade desse contexto como:

- a. Emergência dos dispositivos portáteis com memória *flash* como os *tablets*, *smartphones* e *e-readers*;
- b. A sincronização de arquivos através de aplicativos multiplataformas como iCloud e Dropbox ou de acesso em nuvem como o Google Drive para produção *on-line*;

- c. Os aplicativos (apps) dinâmicos para acesso, produção/edição ou geolocalização e distribuição de conteúdos; e
- d. O crescimento e aperfeiçoamento da banda larga móvel 3G e 4G.

Mark Weiser ([1991?]) já apregoava essa era pós-PC, como já dito, com sua noção de computação ubíqua no célebre artigo “The computer for 21st century”, em que argumentava a fusão entre *hardware* e *software* de uma forma invisível, desaparecendo nos objetos e processos. O título do próprio artigo de Weiser já carregava a compreensão de que apenas no século XXI a computação e as redes sem fio estariam devidamente desenvolvidas para acomodar a ubiquidade no sentido computacional como, de fato, aconteceu.

A computação em nuvem, com a era pós-PC, complexifica essas relações com o jornalismo cada vez mais imerso nesse contexto da sociedade em rede móvel (ubíqua, conectada), como coloca Manuel Castells e colaboradores no livro *Comunicación móvil y sociedad*, de 2006. O jornalismo móvel gradativamente se beneficiou dessa hibridação entre tecnologias e processos em redes móveis de alta velocidade que permite a mobilidade líquida (informativa, virtual, física) no desdobramento das condições ora disponíveis para a prática dos jornalistas e do consumidor na recepção das notícias.

Para uma melhor compreensão contextual dessas processualidades, seguem alguns argumentos partilhados pela sequência de desenvolvimentos de tecnologias e aplicações interdependentes pertencentes à composição do cenário exposto para o jornalismo. Primeiro, devemos nos ater à particularidade da era pós-PC como uma nova infraestrutura (de redes, de dispositivos conectados) que afeta as formas de lidar com os dados (fotos, vídeos, fotos, textos) não mais alocados no *hardware* para *upload*, mas sim nos sistemas *on-line* (na nuvem) com instantaneidade de processamento. Segundo, os aplicativos (apps) ou o formato *web app*, em linguagem HTML5, são a ponte para otimização do trabalho de forma mais flexível demandando uma lógica atualizada com os princípios da computação ubíqua.

Terceiro, a produção jornalística de campo pode incorporar essa infraestrutura para tornar mais factível o trabalho do “repórter móvel” que tem agora à disposição três fatores técnicos: redes em alta velocidade (tecnologia de quarta geração, o 4G), tecnologias portáteis mais maleáveis para o deslocamento físico (*smartphones* e *tablets*), câmeras em HD ou *full HD* embarcadas nos dispositivos e os serviços da computação em nuvem para disponibilizar a produção o mais instantaneamente possível ou compartilhar notícias. Mas não é só isso. O processo de apuração também é beneficiado pelo acesso remoto aos bancos de dados da organização jornalística ou de outras bases disponíveis no ciberespaço, de modo que a redação se constitui em ambiente móvel de produção.

Portanto, quando se indica esse conjunto de fatores fica mais palpável a relação entre a era pós-PC e o jornalismo e os desdobramentos que estão já presentes no dia a dia ou por vir tanto na perspectiva de produção quanto de consumo de notícias em mobilidade a partir de um dispositivo na palma da mão, tendo em vista que há uma relação intrínseca entre uma perspectiva e outra. O usuário de *tablet*, *e-reader*, *smartphone* ou outro equipamento do ecossistema móvel está ficando mais propenso ao consumo de informações em movimento por ter um dispositivo substitutivo de suas tarefas do *desktop*.

Em meio à computação em nuvem da era pós-PC, temos os processos de convergência jornalística nos conglomerados da indústria da informação com o cenário em torno da estruturação das operações multiplataformas nas redações. Além do aspecto de distribuição, está em jogo também a necessidade do trabalho cooperativo entre as equipes situadas externamente e dentro da redação física para efeito de atualização das notícias mais quentes em redes sociais diretamente do local do evento, para transmissão em *streaming* de áudio, vídeo ou envio de fotos geolocalizadas dentro da concepção de jornalismo locativo. Em síntese, é necessário problematizar esse fenômeno emergente do jornalismo com reflexo em múltiplas esferas da prática jornalística e do consumo de notícias.

Porém, o aspecto de segurança e de privacidade dos dados ainda é uma preocupação porque crescentemente se delega aos sistemas inteligentes, em nuvem e *on-line*, toda a capacidade de operação em torno da mobilidade informacional dentro, inclusive, da noção empregada por Manuel Castells e colaboradores (2006) de sociedade em rede móvel. É necessário focar atenção sobre essas dimensões que constituem a era pós-PC, inclusive à relacionada ao *marketing* que se constrói em torno do conceito pela indústria de computação móvel e de serviços em nuvem.

Argumentamos que o conjunto de tecnologias móveis e de redes sem fio propicia uma crescente reconfiguração dos processos jornalísticos na relação com a produção em campo onde a imediatez, aliada ao acesso remoto de dados para apuração, complexifica a cultura jornalística com a incorporação de novas rotinas. Ao mesmo tempo, a relação com o público também se altera em pelo menos duas perspectivas:

- a. Demandar atualizações mais constantes ao também consumir notícias e redes sociais em dispositivos móveis;
- b. Poder participar da produção jornalística (via WhatsApp ou por outros meios de interação) contribuindo com conteúdos e informações que podem se transformar em notícias de repercussão. Os novos modos de mobilidade são substancialmente mais conectados com os arranjos da computação em nuvem e com a geografia da comunicação que se vislumbra, como veremos nos casos empíricos que analisamos.

Estudos de casos

A cultura da mobilidade nos permite discorrer sobre diversas práticas e estratégias que orbitam em torno das tecnologias móveis no espaço urbano como as cidades inteligentes, *flash mobs* e *smart mobs*, jogos pervasivos, música móvel e o jornalismo móvel. Para este último, faremos uma análise de alguns casos representativos que trazem essa dimensão da mobilidade nas práticas jornalísticas contemporâneas. Procuramos demarcar essas transformações estruturais no jornalismo nas experiências retratadas e na relação mídia-público no tocante à participação deste último na contribuição ou elaboração da notícia com as ferramentas disponíveis.

Essa atmosfera nas redações vem sendo rotulada com expressões como “inovação”, “mobilidade” e “modernização” devido à portabilidade do aparato de captura, edição e distribuição durante o processo de produção para multiplataformas, que transpõe as lógicas tradicionais e amplia a condição multitarefa dos repórteres, um processo que desde a informatização nas redações vem sendo acelerado. Além das experiências do uso de tecnologias móveis para o trabalho em campo dos repórteres, temos também as iniciativas com a produção para *tablets* das publicações nacionais e internacionais a exemplo do *La Presse* (do Canadá), *La Repubblica Sera* (Itália), *Le Soir* (Bélgica), os brasileiros *Estadão Noite*, *Diário do Nordeste Plus* e *Globo a Mais*, que relataremos à frente. Portanto, temos essas duas frentes principais de casos de utilização sistemática de tecnologias móveis na construção

noticiosa e na produção para *tablets*. Descrever essas experiências permitirá uma cartografia sobre casos empíricos que demonstrem os sentidos de usos e das experiências significativas para a compreensão do tema. Exploramos a seguir cinco casos centrais a partir da descrição de suas características.

O Extra do Rio de Janeiro: repórter móvel

O trabalho em mobilidade por parte dos repórteres nas organizações jornalísticas tem ocorrido através da transformação de tecnologias móveis em plataformas de produção como as incorporadas na rotina diária. Um dos casos emblemáticos no Brasil é o do *Jornal Extra*, do Rio de Janeiro, por meio do projeto “Repórter 3G” e agora “Repórter 4G” e de uma série de outras iniciativas voltadas para o jornalismo móvel como o uso do aplicativo WhatsApp (Figura 4) para o recebimento de material com teor jornalístico (mensagens de texto, fotos, vídeos e áudio). O *Extra* foi o primeiro veículo do país a utilizar o recurso a partir de junho de 2013. Posteriormente, outros veículos adotaram, como o *Folha de S. Paulo*, *A Tarde* e *Correio* (de Salvador), *O Povo* (de Fortaleza), *Band* (Rio de Janeiro). Essa experiência de jornalismo aplicado problematiza a relação entre as tecnologias móveis e o jornalismo via apropriações dos potenciais e os tensionamentos que derivam desses usos.

Em relação ao projeto “Repórter 3G”, adotado em 2009, vemos a caracterização da dinâmica que a incorporação de dispositivos móveis enseja no interior das práticas jornalísticas em busca de velocidade no processo de apuração, edição e distribuição de conteúdos. No caso citado, o repórter trabalha no modelo de forma remota munido de um *kit* de jornalista móvel (*notebooks*, *smartphones*, carregadores veiculares) atualizando as notícias diretamente do local de apuração sem precisar voltar para a redação para finalizar o material produzido como se fosse um correspondente de agência de notícias. O modelo também faz aparecer a noção hiperlocal que se aplica ao projeto, tendo em vista o desdobramento do jornalismo de proximidade

com uma relação mais interativa com o público com pautas sendo construídas através da mobilidade do repórter pelos bairros e comunidades, atualizações em tempo real no acompanhamento de operações policiais ou de transmissão por *streaming* como no caso da operação de retomada do Morro do Alemão, em 2010, no Rio de Janeiro.

Figura 4 - Uso de aplicativos móveis como WhatsApp para recebimento de conteúdo



Fonte: Oliveira, 2014.

O uso do WhatsApp foi uma consequência da experiência do “Repórter 3G” do *Extra* e da utilização da tecnologia móvel de modo a incentivar o jornalismo colaborativo através de canal com o seu público. A experiência favorece o caso de furos de reportagem pelo recebimento exclusivo de vídeos, fotos e textos do público que viram reportagens. Dados do projeto revelam que os números de WhatsApp do Jornal Extra receberam em dois anos do projeto, entre junho de 2013 e junho de 2015, 4 milhões de mensagens, além de fotos (112 mil), áudios (14 mil) e vídeos (13 mil). Esse conteúdo originou no período a publicação de 3.500 reportagens para o Extra no online e na edição impressa (CARREIRO, 2015).

NE10/JC Online: repórteres com smartphones e participação do público

A partir da experiência de *mobile journalism* da agência europeia Reuters, em 2007, desencadeou-se o desenvolvimento de várias outras iniciativas similares. Em novembro do mesmo ano, o *Sistema Jornal do Commercio*, do Recife, através da *TV Jornal*, criou o projeto “Notícia celular”, o primeiro do país a utilizar tecnologia de terceira geração e celular Nokia N95 para gerar vídeos e fotos para a programação de um canal de TV e para o antigo portal de notícias, o *JC Online*, que agora é *NE10*. Dezesseis profissionais – repórteres, fotógrafos e cinegrafistas – utilizaram *smartphones* para registrar situações do dia a dia do Recife baseadas em conteúdo de caráter jornalístico e de utilidade pública como acidentes, incêndios, previsão do tempo nas praias, transmissão de jogos de futebol e outras coberturas que requeriam imediatismo, como ocorreu com a cobertura do Carnaval 2008 e 2009 e nas eleições de 2010 e posteriores.

Os vídeos e fotos foram exibidos na programação jornalística da *TV Jornal* e disponibilizados no portal *JC Online*. O jornalismo móvel foi ampliado

dentro do *Sistema Jornal do Commercio de Comunicação* e, a partir de 2013, foi desenvolvido, para sistemas operacionais iOS e Android, o aplicativo *comuniQ* (finalidade similar ao uso do WhatsApp do *Jornal Extra*) para que as pessoas possam enviar informações de seus bairros (áudio, vídeos, textos e fotos) referente à denúncias, acidentes, relatos de problemas nas ruas (buracos, entulhos, canos estourados) e, a partir do material, os jornalistas poderem ampliar seu raio de atuação tendo essas fontes como referência (Figura 4). O material pode ser publicado nos veículos do grupo (*Jornal do Commercio, TV Jornal, Rádio Jornal, Rádio JC News e Portal NE10*).

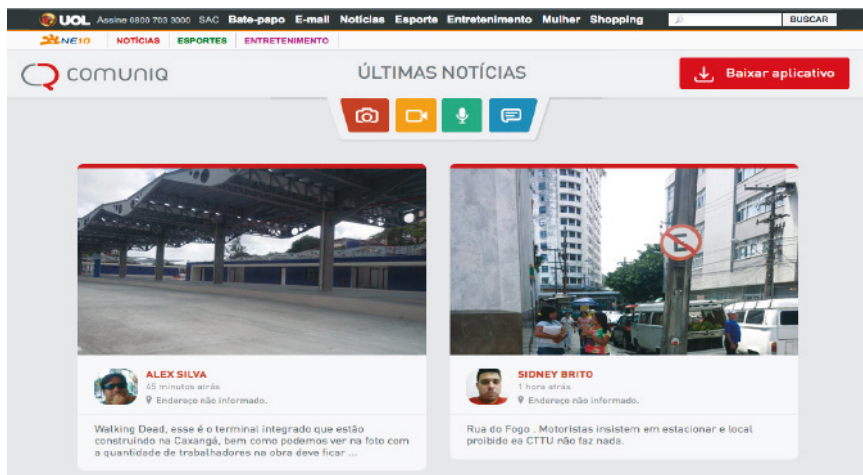
Um aplicativo similar, o *publiQ* (Figura 7), é utilizado pela *Rede Globo Nordeste*, mas não destinada ao público e sim aos repórteres que, a partir de um iPhone com o aplicativo, enviam notícias para o *G1 Pernambuco*. O *publiQ* permite que o repórter capture áudios, vídeos e fotos ou escreva textos no próprio editor e envie para a redação da TV e, posteriormente, possam ser disponibilizados para o *Portal G1*. Ao todo, são mais de 30 repórteres utilizando o aplicativo com essa finalidade de jornalismo móvel.

Figura 5 - Aplicativo *comuniQ* para recebimento de conteúdo do público e interação



Fonte: GooglePlay (c2014).

Figura 6 - Aba de comentários do aplicativo ComuniQ



Fonte: Comuniq (c2014).

Figura 7 - Aplicativo publiQ para jornalistas subirem conteúdos dos locais de apuração



Fonte: Publiq ((2014?)).

Mídias Ninja: *smartphones* na cobertura ao vivo das manifestações

O Mídia Ninja é um caso ilustrativo da apropriação e remixagem das tecnologias móveis. Apesar de ter sido tratado com novidade e ineditismo, esse uso de tecnologias móveis já tinha sido citado e contextualizado por Howard Rheingold, em 2002, no seu livro *Smart mobs: the next social revolution* na exploração do conceito de *smart mobs* (multidão inteligente) como uma revolução da multidão organizada para protestar através de articulações via SMS, comunidades virtuais e com o uso de tecnologias móveis. Entretanto, o trabalho do Mídia Ninja repercutiu durante os protestos em junho de 2013 no Brasil, no que ficou conhecido como “Jornada de Junho” contra o aumento de passagens, contra a Copa do Mundo e outras reivindicações. O Mídia Ninja exerceu o princípio da liberação do polo emissor ao transformar o *smartphone* com tecnologia 3G e 4G, aplicativo de *streaming* em transmissor para emissão ao vivo (Figura 8).

A narrativa em tempo real explorada e o coletivo descentralizado fizeram com que a cobertura do protesto fosse realizada de forma protagonista em relação aos meios de comunicação de massa, que demoraram para compreender o fenômeno das manifestações e seu impacto sobre o processo de construção da notícia. Outros veículos de comunicação, ao se confrontarem com a realidade (ou devido ao impedimento pelos manifestantes), iniciaram a estratégia de atuar de forma similar ao Mídia Ninja como ocorreu com os repórteres da *Globo News* e da *Folha de S. Paulo* (com drones e Google Glass).

Podemos classificar essa articulação do Mídia Ninja dentro da noção de jornalismo participativo móvel e que se beneficiou da proliferação de câmeras digitais e celulares com câmeras. Fatos de grandes repercussões como os atentados em Madri (2004) e Londres (2005) foram registrados

por cidadãos comuns e reverberaram pela internet e pelos veículos de comunicação tradicionais assumindo uma função pós-massiva.

Figura 8 - Mídia Ninja fazendo transmissão ao vivo de *smartphones*



Fonte: Maggie (2013).

Observamos que estas situações ultrapassam a fronteira dos meios de comunicação de massa e funcionam como insurgência à inoperância destes diante de fatos jornalísticos que não são cobertos por falta de profissionais

suficientes, por decisões editoriais ou por não atenderem aos critérios objetivos ou subjetivos de noticiabilidade dessas organizações jornalísticas.

No contexto, temos o papel exercido pelas redes sociais móveis como aspecto expansivo e essencial da prática do jornalismo móvel devido às possibilidades de emissão instantânea de diversos formatos midiáticos diretamente de *smartphones* e *tablets* e utilizadas na chamada narrativa em tempo real, a exemplo do Twitter, Facebook e Instagram, além da característica de compartilhamento. Durante as manifestações de junho no Brasil, tivemos um exemplo prático da capilaridade das redes sociais através do Mídia Ninja com a fusão entre redes sociais móveis, *smartphones* com conexão 3G e 4G e aplicativo de *streaming* TwitCasting na cobertura ao vivo direto de diversos lugares do país.

As redes sociais são reapropriadas para o jornalismo nas condições de narrativas construídas diretamente dos lugares dos acontecimentos. A percepção do uso prático das redes sociais tem sido vista em momentos como chuvas intensas nas metrópoles como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, por exemplo, em que os meios de comunicação de massa tradicionais falham na cobertura de utilidade pública ou o faz de forma limitada. Nessas circunstâncias e pelas suas características, as redes sociais são mais ágeis e perfeitamente aplicáveis à noção de jornalismo móvel na compreensão da relação jornalismo, mobilidade e lugar através de tecnologias móveis conectadas e ubíquas.

RBS/Zero Hora: jornalismo móvel e locativo

As tecnologias móveis também favoreceram o jornalismo locativo ou hiperlocal à medida que com o uso de *smartphones* e GPS para geolocalização, a notícia ficou cada vez mais sensível ao contexto do lugar. Uma proposta que explora essa dimensão está no projeto LocastPOA, lançado em novembro de 2009 com o intuito de relatar notícias e reportagens do espaço

urbano de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, através de vídeos e uso de *smartphones* com sistema operacional aberto Android com GPS. Os conteúdos produzidos para o *site* do projeto foram elaborados ou transmitidos do local onde o fato ocorria e dispostos em um mapa de geolocalização. A prática contava com a participação de jornalistas do Grupo RBS de Porto Alegre. Além disso, o projeto mantinha o viés colaborativo com o intuito de motivar a participação dos cidadãos e contribuir com a divulgação de notícias locais, pretendendo compreender as dinâmicas das comunidades, incentivando a colaboração dos cidadãos e socialização nas produções. O LocastPOA foi resultado da parceria entre o curso de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e jornalistas do Grupo RBS e do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Dentro do Grupo RBS, o *Zero Hora* também realizava transmissão ao vivo (Figura 9).

Figura 9 - Projeto LocastPOA com transmissão ao vivo e hiperlocal via *smartphones*



Fotógrafo: Todeschini (2009).

O Globo a Mais: produção para tablets e smartphones

Além do jornalismo produzido a partir de *smartphones* e *tablets*, temos outra perspectiva onde se enquadra a produção jornalística para dispositivos móveis com a exploração das interfaces tácteis como *tablets* para interagir com o conteúdo. As telas para leitura em dispositivos móveis têm aberto uma discussão sobre as questões de interface para consumo de notícias dentro do jornalismo móvel. Para entender e discutir sobre *tablets* e o uso da sua interface, é importante perpassar o conceito de “interface” de Steven Johnson (1997), da década de 1990, e também a defesa do pesquisador Carlos Scolari (2004) de que as interfaces não são neutras e, portanto, são objetos funcionando como agenciadores. Entretanto, esta é uma discussão que não iremos estabelecer aqui tendo em vista que passa, em parte, ao largo do nosso objetivo central no livro. Porém, acreditamos que é importante situar a expansão do consumo de notícias em plataformas móveis porque, de alguma forma, ela incide sobre o jornalismo móvel na condição da produção do repórter em campo, partindo-se aqui da tese de que esse consumidor em mobilidade passa a exigir uma atualização mais contínua do *hard news*, ou seja, das notícias factuais e quentes do dia. Com esse pressuposto, temos uma relação estreita entre o jornalismo móvel na produção e no consumo de notícias cuja análise podemos encaminhar através da lente da mobilidade.

Aplicativos originais e autóctones são a nova tendência para a qual encontramos apps específicos da representação do fenômeno como os brasileiros *Globo a Mais*, *Estadão Noite* e *Diário do Nordeste Plus*, que são também edições vespertinas (Figura 10). Produtos autóctones são os elaborados especificamente para *tablets* ou *smartphones* e com apropriação de suas características e potenciais. (BARBOSA et al., 2013) O caso concreto que vamos examinar é o do *Globo a Mais (O Globo)*, que surgiu em janeiro de 2012 com a produção de conteúdo exclusivamente para *tablets* e com a proposta de explorar as propriedades da plataforma de modo a

se diferenciar das versões transpositivas e em PDF. Presente nos sistemas operacionais iOS e Android, a revista específica para *tablets* investe em narrativas que adentrem os recursos disponíveis para essa interface como o uso de acelerômetro, imagens em 3D e interatividade tátil. A tendência natural é o de estabelecimento de novas “gramáticas” para as interfaces baseadas em telas sensíveis ao toque e em outros recursos possibilitados pelos sistemas operacionais móveis.

O *Globo a Mais* se constituía em um novo modelo de negócios nas Organizações Globo com assinatura independente, equipe de trabalho própria e conteúdo exclusivo para exploração de um novo horário (vespertino) de um público que busca um conteúdo diferente do produzido pela mídia impressa trazendo aspectos de inovação nas narrativas construídas. O aplicativo foi descontinuado a partir do dia 15 de maio de 2015 para o lançamento de um novo aplicativo.

Figura 10 - Novos modelos de negócios baseados em aplicativos de notícias



Fonte: Elaborada pelo autor.

As controvérsias no jornalismo móvel e indicativos futuros

As potencialidades, que emergiram a partir das tecnologias da mobilidade, com as transformações e apropriações as mais diversas, demonstraram a relação indissociável entre jornalismo e mobilidade apontando para reconfigurações da prática jornalística e, ao mesmo tempo, revelando algumas controvérsias no campo da comunicação diante das funções e vivências oriundas dessas processualidades.

Nos confrontamos com questões fundamentais, tensionamentos e controvérsias que vão de encontro ao exame do conceito do jornalismo móvel e de sua aplicabilidade relacionada à forma de como lidar com a natureza do dispositivo móvel e, também, com os aspectos que ele assume de mediador ou de intermediário, numa concepção semelhante a de Bruno Latour (2012) para a noção de actantes da *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Portanto, poderíamos dividir essas controvérsias em três principais com seus respectivos cenários e desdobramentos.

Primeira controvérsia, a incorporação de aeronaves não tripuladas (drones) e tecnologias vestíveis como o Google Glass conduz a prática jornalística para alguns questionamentos em torno dos limites para a utilização desses equipamentos no trabalho em mobilidade quanto ao aspecto ético de sua utilização. Qual o limite que deve ser respeitado? Os drones podem ser invasivos na sua cobertura aérea ao sobrevoar lugares não permitidos ou indo além da missão estabelecida de esclarecimento de notícias. Do mesmo modo, o uso do Google Glass pode representar uma invasão de privacidade, tendo em vista que as pessoas no entorno não conseguem saber o que exatamente está sendo registrado com a “visão” acoplada à cabeça que permite inúmeras ações controladas por voz ou por movimentos (filmar vídeos, capturar imagens, geolocalizar, acessar bases de dados na internet, produzir em movimento). Em alguns casos, o Google Glass se aproxima da invasão das câmeras escondidas.

Segunda controvérsia engloba o trabalho multitarefa e a qualidade da produção da notícia em condições de mobilidade. O jornalismo móvel intensificou a velocidade da produção e da lógica do *deadline* com a compressão espaço-tempo apontada por David Harvey (c1992) como uma característica contemporânea girando em torno da volatilidade e da velocidade. Esse espírito de época de tudo ao mesmo tempo agora e ao vivo traz consigo uma instabilidade na operacionalidade do trabalho jornalístico quando deslocado para o campo e com a exigência de domínio de ferramentas móveis.

A problematização está em como articular as potencialidades abertas (emissão, conexão, flexibilidade) com a produção acelerada e contínua, tendo em vista que para atender ao pressuposto do processo de convergência os repórteres precisam dar conta de multifunções e outras habilidades para a distribuição multiplataforma das organizações jornalísticas, inclusive as que trabalham em tempo real como Facebook, Twitter e Instagram. Uma das especificidades do repórter enquanto uma figura central no jornalismo é o senso de observação e de percepção do ambiente. No entanto, esse sentido pode ser comprometido com a preocupação em lidar com diferentes formatos midiáticos e diferentes funções (capturar, editar, emitir), que foram sendo incorporadas ao longo do tempo com as tecnologias móveis.

Os repórteres ao assumirem novas funções e demandas no trabalho diário, a partir da dinâmica condicionada pelo jornalismo móvel e pela exploração da convergência como as atualizações constantes de “pílulas” (notícias curtas), podem ter comprometido o percurso adequado de apuração (Figura 11). Nesse sentido, no desdobramento das situações, a mobilidade física e informacional é chave na compreensão do fenômeno do jornalismo móvel digital no contexto de convergência jornalística.

Uma terceira controvérsia se vincula à segunda e se refere aos processos de espacialização, da geolocalização através da mobilidade que a prática do jornalismo móvel e locativo traz para a cena através da combinação entre tecnologias móveis e sentido de lugar. Globalmente, esses pontos de mudanças apontados até aqui não são de natureza local (na redação), mas no campo (na rua, na espacialização), um aspecto desviante

dos padrões da produção tradicional concentrada na tribo jornalística no seu *habitat*, a “*newsroom*”. Assim, defendemos que é necessário um olhar sobre os repórteres com atuação fora da redação tradicional e que se utilizam da mobilidade virtual e física nos seus processos. Ao mesmo tempo, essa perspectiva é complementada pela posição do teórico da sociologia John Urry de que a apreensão do fenômeno da mobilidade exige também o movimento (social, do pesquisador, da mobilização das teorias e metodologias) para acompanhar os deslocamentos dos atores e objetos e analisar os seus significados a partir desta condição.

Figura 11 - Estudantes praticam jornalismo móvel com *tablets* e microfones externos



Fonte: *Repórter Junino* - Jaime Guimarães (2013).

Problematizar essas questões como aspectos de investigação nos permite perceber que os resultados dessa perspectiva podem ser colocados a partir da conexão entre os espaços urbanos e o jornalismo na trajetória da comunicação ubíqua, com ênfase para o paradigma da mobilidade e suas facetas. As cidades informacionais conectam o movimento para acesso e circulação de informações pelo espaço urbano entre os “lugares” (ubíquos) de produção e a redação física estabelecendo relações de mobilidade informacional (de dados, de objetos, imagens) e mobilidade física (do repórter, deslocamento físico, de transporte).

No jornalismo, a mobilidade física (portabilidade, deslocamento físico) está vinculada à capacidade da mobilidade informacional (virtual). Outro aspecto pode ser apontado para a duplicidade mobilidade/imobilidade em que uma pode ser exercida sobre a outra, simultaneamente como o caso dos repórteres que dentro de veículos (parados) produzem seu material e virtualizam (instantâneo e informacionalmente) pelas redes telemáticas através dos territórios informacionais. Portanto, não é possível desassociar mobilidade e imobilidade, nem mobilidade e lugar. Há uma reafirmação do lugar da produção, do espaço urbano, da geocontextualização da instância produtiva e seus tensionamentos no chamado jornalismo móvel com a espacialização como ocorre com as *tags* de geolocalização, com a vivacidade das transmissões ao vivo de repórteres em cena, em deslocamento pelo espaço urbano no *front* dos acontecimentos em desenvolvimento diante de sua lente ampliada. Considerando que as mídias possibilitam demarcação de senso de lugar através da narrativa das notícias, a mobilidade amplia essa experiência ao colocar o repórter na vivência do lugar das ações.

Portanto, as questões de fundo estão fundamentadas na mobilidade no jornalismo através da geolocalização com a revalorização do local ou hiperlocal. Para tal, as pesquisas sobre mídia locativa, caracterizadas pela infocomunicação baseada em artefatos como tecnologias sem fio como demarcação do lugar como sentido, nos oferecem subsídios para situar a relação entre jornalismo móvel e jornalismo locativo. Este último

compreendido como a definição do lugar como qualidade. As diversas práticas (artísticas, ativistas, de vigilância) atreladas ao termo posicionam uma representação para esse movimento que desencadeia processos vinculados às tecnologias móveis e ao espaço urbano. Essa funcionalidade da mídia locativa e da formatação do território informacional visa a dar sentido ao lugar na interface com os dispositivos móveis.

As análises sobre o uso das plataformas móveis no jornalismo se expandem para essa infraestrutura tecnológica que associa ao fenômeno as novas territorialidades e o “lugar na comunicação”, como defende Macello Medeiros (em tese doutoral defendida em 2011, na Universidade Federal da Bahia) diante das novas geografias demarcadas pelas tecnologias da mobilidade. Portanto, temos uma relação entre jornalismo e cartografia que precisa ser explorada na compreensão da mobilidade e do lugar. Para aprofundar o entendimento desta nova conjuntura, visualizamos o desdobramento do jornalismo móvel por outras possibilidades como o jornalismo locativo (hiperlocal, geolocalizado) que vincula suas práticas à mobilidade e à noção de lugar das mídias locativas. Tanto o jornalismo móvel quanto o jornalismo locativo apresentam definições tênues e atuações interdependentes, híbridas, cruzadas. O primeiro aspecto, como já exploramos, refere-se ao trabalho do repórter em campo em condições de mobilidade com uso de tecnologias móveis. O segundo parte do mesmo princípio, mas leva em consideração o lugar como o aspecto de proximidade com a comunidade e, doravante, pode explorar *tags* de geolocalização nas notícias através de GPS (Sistema de Posicionamento Global) para demarcar o lugar como fator de noticiabilidade.

Estas duas categorias (móvel e locativo) se alimentam da mesma estrutura, ou seja, as tecnologias móveis digitais e as conexões sem fio. Vale salientar que nem sempre verificamos este funcionamento de uma forma sistemática e integrada ao processo jornalístico nas empresas de comunicação de caráter tradicional, entretanto, há experiências variadas na rede digital visando a sua potencialização. De forma integrada ou isolada, é importante considerar que uma reflexão sobre a prática jornalística

contemporânea deve levar em conta esta processualidade tipológica atuando no seu entorno. Sendo assim, o jornalismo locativo demarca-se pelo hiperlocal baseado em tecnologias de geolocalização que tragam o contexto local da notícia, a proximidade. As dimensões do nexos jornalismo e mobilidade a partir da interface com a localização representam múltiplos significados no contexto.

Conclusão

A mobilidade informacional que procuramos mapear e discutir, a partir da perspectiva do jornalismo móvel no contexto sociotécnico, apresenta dimensionalidades que as tecnologias móveis digitais fazem emergir para o campo da comunicação e das práticas de mobilidade no espaço urbano. Compreendemos que o jornalismo móvel exerce um novo protagonismo nas práticas jornalísticas e, por outro lado, das apropriações por ativistas e repórteres cidadãos como no caso do Mídia Ninja. Esse *e-book* procurou suprir, em parte, essa carência, endereçando o trabalho tanto para especialistas que buscam se aprofundar sobre o conceito de jornalismo móvel quanto para estudantes de graduação e de pós-graduação envolvidos com a discussão acadêmica e prática.

No contexto em exploração, devemos reconhecer o papel exercido pelo jornalismo móvel para com os novos agenciamentos de natureza conceitual e pragmática no processo de apuração, edição e distribuição da notícia do campo. A incorporação da multitarefa ou da polivalência para o exercício demonstra nova dinâmica às rotinas tradicionalmente exercidas até então e que serve de referência para o conjunto de mudanças oriundas dessa instância em desenvolvimento.

O fenômeno também deve receber críticas e análises criteriosas das controvérsias de natureza ética e de privacidade (como no caso do uso de drones e Google Glass), profissional (devido ao trabalho multitarefa e

polivalente sobressalientes na produção multiplataforma com acúmulo de funções) e um olhar sobre as questões teórico-metodológicas no que se refere à necessidade de abordagem quanto à definição do conceito e sua operacionalidade.

Além disto, é importante a articulação com métodos móveis visando ao desenvolvimento de estratégias de aproximação com a natureza do fenômeno dentro do espectro da cultura da mobilidade e sua noção de movimento e deslocamento em torno da mobilidade física e informacional. Como fenômeno comunicacional e interdisciplinar, o jornalismo móvel, de forma rizomática, expõe ramificações que apontam para diversas perspectivas e exigência por novos estudos para compreensão dessas direções na abordagem do objeto.

A despeito da característica do jornalismo móvel em termos de produção de campo com os repórteres munidos de *kit* móvel, outra perspectiva também se desenha de forma interdependente: o consumo. Trata-se do jornalismo móvel para dispositivos móveis com a criação de aplicativos autóctones e originais para *tablets* e *smartphones* que vão além do uso “repositório” que normalmente ocorre nessas plataformas, com a publicação de PDFs de versões impressas sem tratamento e sem consideração da linguagem em desenvolvimento das interfaces baseada na taticidade e interatividade.

Portanto, essa vertente considera uma nova gramática para o jornalismo móvel e, de forma complementar, reforça as novas narrativas para e de plataformas móveis e os novos modelos de negócios envolvendo a relação intrínseca entre jornalismo e mobilidade. As problematizações que cercam a questão não são esclarecidas em sua totalidade nessa obra pelo espaço reduzido utilizado e o caráter introdutório ao tema. No entanto, o horizonte aberto a partir de toda essa discussão, certamente, contribuirá para a continuação do debate sobre a mobilidade no jornalismo.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. Brasil fecha 2013 com 271,10 milhões de acessos móveis. Brasília, DF, 2014.

Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=32359>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. Brasil registra crescimento de 416% em acessos móveis de quarta geração em 12 meses. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=36221>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

[47]

BARBOSA, Suzana. Convergência jornalística em curso: as iniciativas para integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, Carla. *Jornalismo on-line*: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009. p. 35-55.

BARBOSA, Suzana. *Jornalismo digital em base de dados (JDBD)*: um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. 2007. 329 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BARBOSA, Suzana et al. A atuação jornalística em plataformas móveis. Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, DF, v. 9, p. 10-29, 2013.

BEILGUEMAN, Gisele. Entre hiatos e intervalos (a estética da transmissão no âmbito da cultura da mobilidade). In: ARAÚJO, Denize Correia (Org.). Imagem (ir) realidade: comunicação e cibernídia. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 152-162.

BÜSCHER, Monika; URRY, John; WITCHGER, Katian. *Mobile methods*. New York: Routledge, 2011.

CAMERON, David. *Mobile journalism: a snapshot of current research and practice*. [S.l.], [2008?]. Disponível em: <<http://theendofjournalism.wdfiles.com/local--files/davidcameron/David%20Cameron.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2009.

CANAVILHAS, João (Org.). *Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis*. Covilhã: Livros LabCom, 2013. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130404-201301_joaocanavilha_noticiasmobilidade.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2013.

CARREIRO, Thais. Em dois anos, WhatsApp do Extra deu a volta ao mundo e chegou a 72 mil contatos. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/em-dois-anos-whatsapp-do-extra-deu-volta-ao-mundo-chegou-72-mil-contatos-16576983.html>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 1)

[48]

CASTELLS, Manuel et al. *Comunicación móvil y sociedad*. Barcelona: Ariel - Fundación Telefónica, 2006.

COMUNIQ. Últimas notícias. c2014. Disponível em: <<http://comuniqapp.ne10.uol.com.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. *Revistas no cenário da mobilidade: a interface das edições digitais para tablets*. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

DAILY chart: happy birthday world wide web. The economist, [S.l.], mar. 2014. Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2014/03/daily-chart-7>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

- FIDALGO, Antônio; CANAVILHAS, João. Todos os jornais no bolso: pensando na era do celular. In: RODRIGUES, Carla. *Journalismo online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009. p. 99-117.
- FIDLER, Roger. *Mediamorphosis: understanding new media*. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.
- GANS, Herbert J. *Deciding what's news: a study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek and Time*. New York: Pantheon Books, 1979.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GOOGLE play. *Comuniqu: Sistema Jornal do Comercio*. c2014. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.i2mobile.publiq.comuniqu.activity>>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, c1992.
- HJORTH, Larissa. *Mobile media in the Asia-Pacific: gender and the art of being mobile*. New York: Routledge, 2009.
- JENKINS, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.
- JOKELA, Tero; VÄÄTÄJÄ, Heli; KOPONEN, Tina. Mobile journalist toolkit: a field study on producing news articles with a mobile device. In: PROCEEDINGS of the 13th International MindTrek Conference Everyday Life in the Ubiquitous Era. New York: ACM, 2009. p. 45-52. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=1621851&dl=ACM&coll=DL&CFID=89486033&CFTOKEN=51110681>>. Acesso em 12 out. 2010.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- PELLANDA, Eduardo Campos (Org.). *Locast civic media: internet móvel, cidadania e informação hiperlocal*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- KELLERMAN, Aharon. *Personal mobilities*. New York: Routledge, 2006.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA; Bauru, SP: EDUSC, 2012.

LAWSON-BORDENS, Gracie. *Media organizations and convergence: case studies of media convergence pioneers*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. In: NOMADISMOS tecnológicos. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2011. p. 15-34.

MAGGIE, Yvonne. A mídia Ninja. *G1*, São Paulo, jul. 2013. Disponível com: <<http://g1.globo.com/platb/yvonnemaggie/2013/07/18/a-midia-ninja/>>. Acesso em: 28 maio 2013.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. @ *Internet e #rua*: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARKETINGCHARTS staff. *Media consumption estimates: Mobile> PC; Digital> TV*. [S.l.], aug. 2013. Disponível em: <<http://www.marketingcharts.com/television/media-consumption-estimates-mobile-pc-digital-tv-35626/>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MEDEIROS, Macello. *O lugar da comunicação: um estudo sobre a comunicação locativa em zonas bluetooth*. 2011. 313 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. 2003. 246 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MONT'ALVERNE, Adelino. *Jogos móveis locativos: estudo de casos brasileiros*. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

NRK BETA. *Reuters Mojo*. [S.l.], 2007. Disponível em: <<https://nrkbeta.no/2007/11/22/reuters-mojo/>>. Acesso em: 31 dez. 2014.

OLIVEIRA, Jéssica. Veículos apostam no WhatsApp como canal de comunicação com o público. Portal Imprensa: jornalismo e comunicação na Web, São Paulo, mar. 2014. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/64575/veiculos+apostam+no+whatsapp+como+canal+de+comunicacao+com+o+publico>. Acesso em: 3 abr. 2014.

PUBLIQ. A notícia publicada de forma simples, rápida e direta. [2014?]. Disponível em: <<http://publiqapp.com/> acesso>. Acesso em: 22 jun. 2014.

QUINN, Stephen. *Knowledge management in the digital newsroom*. Oxford: Focal Press, 2002.

QUINN, Stephen. *Mojo - mobile journalism in the Asian Region*. Singapore: Konrad Andenauer Stiftung, 2009.

REPÓRTER Junino. *Facebook*. 2013. Altura 720 pixels. Largura 960 pixels. 96 dpi. 70.2 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rjunino/photos/pb.206711276023210.-2207520000.1422294212./651470031547330/?type=3&theater>>. Acesso em: 31 dez. 2014.

RHEINGOLD, Howard. *Smart mobs: the next social revolution*. Cambridge: Perseus Books, 2002.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. *Periodismo integrado: convergência de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Sol90, 2008.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SCOLARI, Carlos. *Hacer clic: hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales*. Barcelona: Gedisa, 2004.

SILVA, Fernando Firmino da. *Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo*. 2013. 408 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13011>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

TODESCHINI, Bruno. *Parceria Famecos - MIT - RBS*. 2009. Altura: 1181 pixels. Lagura: 1772 pixels. 739 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/eusoufamecos/sets/72157622692514615/>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

VÄÄTÄJÄ, Heli et al. Understanding user experience to support learning for mobile journalist's work. In: GUY, Retta (Ed.) *Hacer clic: hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales: the evolution of mobile teaching and learning*. Califórnia: Information Science, 2009. p. 177-209.

WEISE, Mark. *The computer for the 21st century*. [S.l.], [1991?]. Disponível em: <<https://www.ics.uci.edu/~corps/phaseii/Weiser-Computer21stCentury-SciAm.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2013.

ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. São Paulo: Annablume, 2006.

Perfil do autor

Fernando Firmino da Silva. Doutor em comunicação e cultura contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Departamento de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba e professor do Programa de Pós-Graduação em jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (MobJor). Colaborador do Grupo de Pesquisa Lab404 – Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço e do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL). Pesquisador membro do Projeto Laboratório de Jornalismo Convergente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: fernando.milanni@globo.com

